

Boletim

Nº 1.932 - Ano 42 - 14 de março de 2016

Vitor Amaro

ESTRELAS E POESIA

Reabertura antecipada do terraço astronômico e oficina de poesia estão entre as atrações da programação de aniversário do Espaço do Conhecimento UFMG.

Páginas 4 e 5

Estudantes do noturno terão atividades acadêmicas complementares

Página 3

Planetário do Espaço do Conhecimento, onde haverá a sessão comentada *O céu de BH*, que destacará a entrada do equinócio de outono

INOVAÇÃO: um olhar para **FORA** do campus

Rodrigo Rocha Feres Ragil*

Não há inovação sem aplicação prática. A necessidade de aferir valor – seja ele de qualquer natureza – filia-se estreitamente à noção de que, para ser validada, uma ideia ou processo novo deve satisfazer uma necessidade ou melhorar algum aspecto da vida humana. Em se tratando da academia, isso se torna um fator ainda mais importante para conduzir as discussões.

Discutir inovação é, em essência, analisar resultados. A UFMG foi classificada em 2015 como a terceira universidade por indicador de inovação, segundo o Ranking Universitário da Folha (RUF). Não obstante o reconhecido e expressivo resultado obtido, pode-se ainda identificar ferramentas, metodologias e programas acadêmicos carentes de “inovação” – principalmente quando comparados a centros acadêmicos de excelência global em empreendedorismo.

Grande parte do conteúdo deste artigo é fundamentada nas ideias da renomada professora Whitney Hischier**, da Universidade de Berkeley (Haas School), por mim entrevistada recentemente. Entre as valiosas contribuições, um aspecto específico – a busca de respostas fora do campus – foi repetidamente enfatizado como trunfo desta que é considerada uma das mais conceituadas universidades em empreendedorismo e inovação.

Como não poderia ser diferente, se a inovação se vincula estreitamente à aplicabilidade prática ou à satisfação de uma necessidade humana, é natural – e desejável – que a academia se valha de experiências empíricas para fundamentar e guiar suas pesquisas e inventos. Isso pode se dar de diversas formas. Na Universidade de Berkeley, os alunos são constantemente encorajados a entrevistar seus potenciais consumidores e a investigar seus anseios antes mesmo de desenvolverem o produto ou o serviço propriamente dito.

“Não se pode negar a existência de iniciativas semelhantes já implantadas no campus da UFMG. No entanto, trata-se de projetos pontuais, muito longe ainda de estarem orgânica e institucionalmente instaurados”

Ao ser questionada sobre as formas de instrumentalizar essa prática, a professora Hischier lembrou que sua instituição mantém vários programas e estratégias que a viabilizam. Na Haas School of Business, onde leciona, há cursos como o Startup Lab (em que os alunos reúnem-se em equipes vinculadas a uma *startup* durante o semestre), o International Business Development (alunos formam equipes para trabalhar com um cliente internacional), Launch (programa que estimula os estudantes a abrir empresas) e Skydeck (incubadora em que os alunos recebem infraestrutura, treinamento e *coaching* para dar os primeiros passos em seu próprio negócio).

Não se pode negar a existência de iniciativas semelhantes já implantadas na UFMG. No entanto, trata-se de projetos pontuais, muito longe ainda de estarem orgânica e institucionalmente instaurados, tal como se observa na Universidade de Berkeley. Ainda segundo a professora Hischier, Berkeley conta com expressivo número de parcerias com organismos públicos e empresas, a fim de prover mais elementos e recursos às suas pesquisas.

Ainda que a comparação aqui estabelecida deva ser realizada com ressalvas (o que é natural, em se tratando de ecossistemas

de inovação bem diferentes), é inegável a constatação de similitudes entre as duas universidades. Entre essas aproximações no campo da inovação, destaca-se não somente a excelência acadêmica de seus professores, alunos e suas pesquisas, mas a coexistência – guardadas as devidas proporções – com um mercado extremamente dinâmico e inovador. Afinal, se a Universidade de Berkeley dispõe do Silicon Valley, a UFMG aproveita-se da maior comunidade de *startups* da América Latina, o San Pedro Valley, que reúne mais de 200 empresas em Belo Horizonte.

Em matéria de inovação, é preciso conciliar o consolidado olhar acadêmico com uma visão prática e instrumental. Um olhar para fora do campus nunca se fez tão importante. Por isso, finalizo esta reflexão com as palavras da professora Hischier, a quem expressamente agradeço pelas valiosas contribuições:

Inovação requer sair do escritório/universidade/laboratório. Uma das principais barreiras à inovação são os grilhões entre indústrias e organizações; ao promover-se a integração de universidades, governos e empresas locais, surge naturalmente uma grande variedade de ideias e oportunidades.

*Mestrando em Direito pela UFMG. Pós-graduado em Direito Internacional pelo Centro de Direito Internacional (Cedin). Bacharel em Direito pela UFMG e advogado-sócio da Nemer Caldeira Brant Advogados Associados

**Professora na Haas School of Business, na Universidade de Berkeley. Consultora internacional e *coach* de *startups*. Atuou anteriormente como vice-diretora para educação executiva na Universidade de Berkeley e trabalhou por mais de uma década com consultoria em gestão. É graduada pela Universidade de Stanford e possui MBA pela Haas School of Business (Universidade de Berkeley).

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou tréplicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

Para ampliar a **VIVÊNCIA**

Conferências complementarão experiência acadêmica dos estudantes do período noturno

Ana Rita Araújo

A partir deste mês, os cursos noturnos de graduação passam a contar com Atividades Acadêmicas Complementares, que substituem as aulas regulares, em quatro datas a cada semestre, por grandes conferências proferidas por docentes da UFMG e outras personalidades de destaque. “A intenção é que o conjunto da programação venha incentivar a formação de espírito crítico e de visão aprofundada em relação às questões pertinentes para o país e a humanidade”, explica o pró-reitor de Graduação, Ricardo Takahashi.

Prevista em resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), a nova modalidade atende às diretrizes curriculares dos cursos, que estabelecem a obrigatoriedade de atividades complementares, para além das salas de aula. Segundo Takahashi, essa exigência tem sido um gargalo no cumprimento dos créditos para muitos alunos, sobretudo os dos cursos noturnos. “Há pouca oferta de atividades nesse período para complementar a experiência universitária dos estudantes”, observa. Ele explica que a ocupação dos horários desse turno com as aulas das disciplinas, aliada à dificuldade dos alunos para se deslocarem à Universidade durante o dia, acaba por limitar sua vivência universitária.

O calendário acadêmico prevê a realização das conferências especificamente à noite, já que a maioria dos estudantes dos cursos diurnos tem mais disponibilidade de vir à Universidade para participar desse tipo de atividade. Takahashi explica que o calendário de 2016 foi formulado de modo a contar com dias letivos suficientes para que as disciplinas sejam desenvolvidas nos dias regularmente previstos, mesmo com a não realização de aulas nas datas reservadas para eventos.

A Pró-reitoria de Graduação também está sugerindo às unidades acadêmicas que colaborem, na medida de suas possibilidades, com a organização de eventos que, além de enriquecer a vida acadêmica de seus estudantes, também sejam de interesse para os de outras unidades. “A principal contribuição que solicitamos é a do engajamento dos docentes nesse projeto de ampliação dos horizontes do ensino de graduação da UFMG”, enfatiza Takahashi, destacando a

importância de mobilizar a participação em atividades realizadas na própria unidade, em outras unidades ou na Reitoria.

Para acompanhar as Atividades Acadêmicas Complementares, os estudantes devem se inscrever por meio do sistema MinhaUFMG, na página <https://aplicativos.ufmg.br/conhecimento/atividades/>. Serão fornecidos certificados para os estudantes de graduação que participarem dos eventos, agendados para os dias 16 e 29 de março, 11 de abril e 18 de maio, datas em que não ocorrerão aulas noturnas.

Crise global

A conferência *Crise global, mudanças geopolíticas e perspectiva do desenvolvimento periférico*, que será proferida pelo professor emérito Clélio Campolina Diniz nesta quarta-feira, 16, às 19h, abre a série de Atividades Acadêmicas Complementares na Universidade. O evento será realizado no Auditório Nobre do Centro de Atividades Didáticas de Ciências Naturais (CAD 1), no campus Pampulha.

Na palestra, Campolina abordará aspectos como estrutura do poder mundial, crise nos centros (socialismo e capitalismo), ascensão dos países emergentes e mudanças geopolíticas. Ele também discutirá os avanços tecnológicos e seus impactos, a heterogeneidade periférica, vantagens e desafios da periferia e, por fim, educação, ciência e tecnologia como imperativos para o desenvolvimento. Clélio Campolina é autor de obra de referência sobre economia regional, desenvolvimento econômico, economia da tecnologia, economia brasileira e economia de Minas Gerais. Atuou como bolsista, pesquisador e professor visitante das universidades de Oxford, Rutgers, Roma, Sevilla e Jean Monet. Reitor da UFMG na gestão 2010-2014, Clélio Campolina Diniz também foi ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação.

No próximo dia 29, também no Auditório Nobre do CAD 1, às 19h, o convidado das Atividades Complementares é o pesquisador Bruno Sena Martins, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES), onde é vice-presidente do Conselho Científico. Ele fará a palestra *Corpo e racismo: do colonialismo à descolonização do humano*, na qual discutirá “o impacto duradouro da violência colonial e do racismo em sociedades que ainda hoje demarcam os seres humanos e os sub-humanos, selecionando as vidas que merecem ser dignamente vividas e os sofrimentos que merecem ser lembrados”. Sena Martins afirma que, em sua conferência, pretende recrutar “corpos insurgentes, convocando as emoções e os saberes que os movem, contra as hierarquias que se arrogam a definir quem tem direito a ser humano”.

No dia 11 de abril, o professor Luís Miguel de Carvalho, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, vai abordar o tema *Regulação transnacional e mútua-vigilância no governo da educação*. Ele discutirá a relevância dos processos de regulação transnacional da educação com base em dispositivos de avaliação comparativa internacional como o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), adotado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que mede o desempenho de jovens de 15 anos em diversos domínios. Informações sobre a conferência do dia 18 de maio serão divulgadas posteriormente.



Clélio Campolina, ex-reitor da UFMG, abre o ciclo de conferências

Público acompanha projeção de imagens na fachada digital

NOVIDADES no ESPAÇO

Museu da UFMG na Praça da Liberdade terá programação especial nesta semana e na próxima segunda, dia 21, em comemoração ao seu aniversário de seis anos

Ewerton Martins Ribeiro

O dia 21 de março marca a entrada do primeiro equinócio do ano, período em que noites e dias passam a ter a mesma duração. É o primeiro dia do outono austral, estação mais favorável para a apreciação de corpos celestes no Hemisfério Sul.

Coincidentemente, o Espaço do Conhecimento UFMG completa seis anos de existência no dia 21. Para comemorar, o museu oferecerá programação especial durante toda a semana que antecede a data. Entre as novidades, duas merecem destaque: a abertura excepcional do Espaço na data do aniversário, uma segunda-feira, quando o museu normalmente fecha para manutenção, e a antecipação da reabertura de seu terraço astronômico.

Normalmente, o terraço funciona a partir de abril, mas neste ano a observação do céu vai começar já na próxima semana, para a qual se espera tempo bom. Localizado no quinto andar do prédio, o observatório astronômico do Espaço do Conhecimento possui teto retrátil e um telescópio de grande porte, capaz de gerar imagens em alta definição. A observação ocorrerá das 19h às 21h, se houver tempo bom. Serão distribuídas 120 senhas para a atividade, por ordem de chegada, a partir das 17h30, na recepção do prédio.

A professora Ana Flávia Machado, da Faculdade de Ciências Econômicas, diretora científico-cultural do Espaço do Conhecimento, conta que atualmente a equipe do núcleo conta com 31 funcionários e 44 bolsistas, que fazem a mediação do acesso dos visitantes ao museu. Desses bolsistas, quatro integram o Programa de Apoio à Inclusão e Promoção à Acessibilidade (Pipa) do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da UFMG. A atuação deles visa possibilitar que pessoas que necessitam de recursos de acessibilidade, como surdos, cegos e aquelas com dificuldade motora, possam fruir das exposições e atividades realizadas no museu.

Ana Flávia adianta algumas novidades previstas para o ano. "Estamos preparando a próxima exposição temporária, cuja equipe de curadoria é coordenada pelo professor Bernardo Jefferson de Oliveira (FaE), que terá como tema o *Processo do conhecer*. Nela, além de apresentar de forma didática medidas do cotidiano, medidas do conhecimento, modelos e indicadores, vamos construir um índice de felicidade, tendo como amostra os próprios visitantes do Espaço do Conhecimento", explica. Ela acrescenta que ainda neste ano o Planetário vai incorporar recursos mais modernos em seu sistema de projeção.

Outra novidade é a reconstituição do Conselho Curatorial da fachada digital e do Planetário, formado por representantes de vários setores da UFMG. Ana Flávia explica que a função do conselho é discutir, avaliar e selecionar os projetos propostos para divulgação nesses espaços. "Estão previstas,



Foca Lisboa

Ana Flávia Machado: índice de felicidade apurado entre os visitantes do museu

inclusive, mudanças no site do museu, que vão torná-lo mais acessível e possibilitar que a submissão dessas propostas seja feita pela internet, diretamente para o Conselho”, afirma.

Programação comemorativa

Às 18h, será realizada no Planetário uma sessão comentada sobre *O céu de BH*, com ênfase na entrada do equinócio de outono. Os ingressos para a atividade podem ser comprados na hora do evento. Antes, às 17h, o público será convidado a fazer uma visita mediada à exposição permanente *Demasiado humano*. A mostra se vale de recursos audiovisuais e interativos para propor uma experiência tátil, visual e sensorial sobre a relação que a civilização humana estabeleceu com o mundo ao longo do tempo.

No período da tarde, ainda serão ministradas duas oficinas, ambas gratuitas, uma de poesias, já que o dia 21 marca também o Dia Internacional da Poesia, e outra em que os participantes serão estimulados a criar “coleções de estrelas” a partir de mapas estelares.

O Espaço do Conhecimento fica na Praça da Liberdade, 700. A programação especial do aniversário pode ser consultada no site www.espacodoconhecimento.org.br. Outras informações podem ser obtidas pelo telefone (31) 3409-8350.

Cérebro

A programação comemorativa do aniversário de seis anos do Espaço do Conhecimento não se restringe ao dia 21. A partir desta segunda, 14, até domingo, dia 20, o museu abriga atividades da Semana do Cérebro, que também será realizada no campus Pampulha.

De terça a domingo, das 10h às 17h (na quinta, até 21h), o quarto andar do museu vai receber uma exposição de vídeos sobre as mais recentes (e também as clássicas) descobertas das neurociências. Os vídeos serão intercalados por pequenas aulas de pesquisadores do Núcleo de Neurociências da UFMG. Na quarta e na quinta, 16 e 17, o segundo andar do prédio receberá a oficina *O que você tem na cabeça?*, durante a qual participantes vão investigar o funcionamento e a organização do cérebro, conhecer a sua estrutura e participar de um jogo em que poderão discutir os mitos e as verdades sobre o órgão.

Destacam-se ainda dois bate-papos que serão realizados na cafeteria do museu. No dia 17, às 19h, as professoras e médicas Juliana Gurgel Giannetti e Marise Oliveira Fonseca vão discutir as possíveis relações entre o vírus Zika e a microcefalia. No dia 19, às 11h, os professores Nelson Monteiro Vaz, emérito do Departamento de Imunologia, e Márcio Moraes, do Departamento de Fisiologia e Biofísica, vão debater até que ponto o cérebro é capaz de “nos representar”.

História

O Espaço do Conhecimento UFMG foi concebido com o objetivo de propiciar o encontro entre as pessoas e o saber – em especial aquele produzido no âmbito universitário ou em diálogo com a Universidade. Inaugurado em 2010, o centro científico-cultural foi o primeiro equipamento cultural do Circuito Liberdade aberto ao público. Atualmente, reúne atividades de praticamente todos os principais eventos realizados pela Universidade, como os festivais e a Semana do Conhecimento, e de eventos externos à UFMG, como a Semana de Museus.

As exposições, cursos, oficinas e debates propostos em suas instalações buscam conjugar cultura, ciência e arte. Nesse sentido, o Espaço não se limita a difundir o saber científico gestado na Universidade e em outras instituições: ele próprio produz conhecimento. Institucionalmente, está subordinado à Diretoria de Ação Cultural (DAC) da UFMG.



Terraço astronômico: telescópio gera imagens em alta definição



Detalhe da exposição permanente *Demasiado humano*



Visita guiada em um ambiente do museu: encontro entre as pessoas e o saber

FORMULAÇÕES sobre o URBANO

Pesquisa do Cedeplar promove diálogo entre visões clássicas e contemporâneas acerca do mundo marcado pela urbanização

Itamar Rigueira Jr.

O filósofo francês Henri Lefebvre enxergava a emergência virtual de uma sociedade urbana induzida pela própria industrialização, cuja lógica transformou uma obra coletiva (a cidade) em mercadoria. Mas ele apostava que a diferença e o encontro prevaleceriam sobre a força da indústria. Cerca de 40 anos depois, dois autores americanos – Neil Brenner, do Laboratório de Teoria Urbana de Harvard, e Christian Schmid, do Instituto Suíço de Tecnologia (ETH) – lideram uma agenda que retoma o tema. Para eles, concentrar na cidade as reflexões sobre o urbano é insuficiente, uma vez que o seu domínio extrapola os arranha-céus das metrópoles.

Interessado nos diálogos entre formulações clássicas e contemporâneas mais relevantes sobre a questão, o economista Rodrigo Castriota empreendeu pesquisa que culminou em dissertação defendida neste ano no Cedeplar, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG (Face). E ele conclui a investigação enfatizando a utopia concreta, do possível e da ação, que não esteja mais baseada na maximização. “O economicismo não dá mais conta, os parâmetros passam a ser definidos pela natureza e pela participação das pessoas no planejamento”, afirma Castriota.

O pesquisador recupera as teses desenvolvidas por outros dois intelectuais que ele define como clássicos, ao lado de Lefebvre. O primeiro é o americano Edward Soja, que reafirmou o lugar central do espaço na teoria social crítica. Castriota lembra que ele contestou a associação exclusiva de conceitos como ciclo, dinâmica e evolução à ideia de tempo – e incluiu o espaço como dimensão fundamental nessa discussão.

Outra referência para o trabalho de Rodrigo Castriota é o professor Roberto Monte-mór, da Face. “Quando estudou a ocupação da Amazônia, há mais de 30 anos, Monte-mór criou o conceito de urbanização extensiva, demonstrando como o tecido urbano se estende para todo o território nacional. Mas não se trata de uma extensão física, simplesmente. É um processo excludente e violento, que inclui desmatamento e genocídio de populações tradicionais. Nesses casos, há um choque de ‘tempos espaciais’, diferença de séculos à distância de poucos metros”, conta Castriota. Por outro lado,

lembra o pesquisador, a urbanização também ajudou a produzir a politização do território. Índios, seringueiros, sem-terra, camponeses finalmente se organizaram e se associaram politicamente para reivindicar seus direitos. “A problemática urbana havia-se estendido para todo o território”, observa Castriota.

‘Citadismo’

O pesquisador do Cedeplar salienta que Brenner e Schmid também estão preocupados com o “citadismo”, o olhar exclusivo sobre as cidades na investigação de questões urbanas. Essa “obsessão” tem duas implicações negativas, segundo Castriota. “Eleger a cidade como terreno privilegiado para estudo e prática obscurece a realidade de que cidade é ideologia, que contém as representações do funcionamento do capitalismo, ou seja, serve a interesses específicos”, diz ele, acrescentando que o citadismo esconde paisagens operacionalizadas como Carajás, no Pará. “Afinal, Carajás é Pará ou São Paulo?”, provoca, chamando a atenção para o problema de se insistir, nos dias de hoje, na distinção entre campo e cidade.

À semelhança dos teóricos clássicos evocados por Rodrigo Castriota, Brenner e Schmid preferem investigar como a urbanização coloniza territórios, na busca da homogeneização. “E eles e outros pesquisadores, embora marcados pela perspectiva euro-americana, começam a dar sinais de disposição para o diálogo com a crítica a essa perspectiva”, informa Castriota. “Durante muito tempo, os estudos urbanos tomaram como base grandes cidades como Chicago e Los Angeles. Não há problema na viagem das teorias do Norte global para o Sul global, mas por que não levar para o Norte possibilidades vislumbradas no Sul?”, indaga o pesquisador da Face.

É hora, na avaliação de Castriota, de o olhar euro-americano compreender alternativas emancipatórias indicadas pelo hibridismo e pela complexidade revelados pelo processo de urbanização extensiva em países da África, da Ásia e da América Latina. Ele retoma a abordagem da utopia concreta de Lefebvre. “A contribuição do Sul dialoga com a utopia, quando mostra caminhos diferentes, como o planejamento urbano que dá voz às comunidades e a economia popular e solidária”, afirma o pesquisador.

No momento, Rodrigo Castriota encaminha seus estudos de doutorado para a teorização e o trabalho empírico acerca da interação do espaço urbano estendido com o espaço digital – investigando, por exemplo, a internet na Amazônia. Ele acredita que existe uma nova rodada de urbanização que é informacional. “Haverá mais colonização ou a internet pode produzir novas possibilidades emancipatórias?”, questiona, indicando o rumo das pesquisas que planeja desenvolver nos próximos anos.



Imagem de satélite de Eldorado dos Carajás, no Pará, extraída do Google Earth

Dissertação: *Urbanização extensiva e planetária: formulações clássicas e contemporâneas*

Autor: Rodrigo Castriota de Melo Santos

Orientador: Roberto Monte-mór

Defesa: 22 de fevereiro de 2016, no Programa de Pós-graduação em Economia/Cedeplar

INTERFACES

A nova edição da Interfaces – Revista de Extensão da UFMG já está disponível na internet: <https://goo.gl/879YnZ>. A publicação reúne artigos e relatos de docentes, discentes e técnicos de diversas universidades brasileiras. Como explica a pró-reitora adjunta de Extensão, Claudia Mayorga, editora da publicação, as abordagens são norteadas por questionamentos surgidos diante da atual crise econômica e política, contexto no qual a extensão universitária tem muito a contribuir.

ENERGIA SOLAR

De 4 a 7 de abril, A Escola de Engenharia sediará a sexta edição do Congresso Brasileiro de Energia Solar. Destinado a pesquisadores, profissionais e estudantes que se dedicam ao campo das energias renováveis, com ênfase em energia solar, o evento vai promover, entre outras, discussões sobre conversão térmica e fotovoltaica; mercado, políticas públicas e gestão; impactos sociais, econômicos e ambientais; educação e capacitação em energia solar. Promovido pela Associação Brasileira de Energia Solar (Abens), o congresso também vai abordar energia eólica, uso energético da biomassa, pequenas centrais hidrelétricas, energia das marés e das ondas e células a combustível. Informações sobre programação e inscrições estão disponíveis no site <http://abens.org.br/CBENS2016/index.php>.

FOOD TRUCKS

Durante 60 dias, até o início de maio, a Praça de Serviços do campus Pampulha recebe *food trucks* (carros que vendem alimentos) que oferecerão, em período de teste, quatro tipos de refeição à comunidade universitária: comida mexicana, batata rosti, massas frescas e crepioca, mistura de crepe e tapioca. As empresas receberam liberação de uso do espaço no campus para trabalhar em duas faixas de horário: das 11h às 14h e das 18 às 22h.

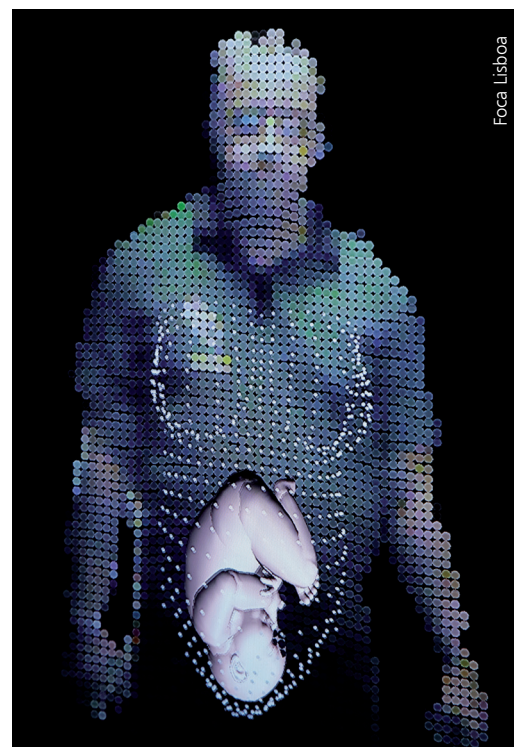
O objetivo é aumentar a oferta de serviços de alimentação no campus, principalmente em áreas mais periféricas. Durante a experiência, os *food trucks* ficarão em frente à Praça de Serviços, onde será mensurada a demanda pelos tipos de alimentos oferecidos. A ideia é instalá-los, posteriormente, em locais – que estão sendo mapeados – onde a cobertura de cantinas é menor. Após o período, será feito credenciamento, conforme previsto na legislação.

SENTIDOS DO NASCER

Experiências lúdicas, debates, reflexões e trocas de informações envolvendo aspectos da gestação e do nascimento compõem a exposição *Sentidos do nascer*. A atividade, que estará sediada no campus Saúde (Avenida Alfredo Balena, 190, bairro Santa Efigênia), de 18 de março a 1º de abril, é um projeto de extensão da UFMG, em parceria com a Secretaria de Saúde de Belo Horizonte.

No módulo *Gestação*, são feitas montagens fotográficas em que o visitante se vê “grávido”. A reflexão também será despertada por meio da leitura de cartas nas quais gestantes descrevem suas preferências e desejos. O debate articulado por diferentes pontos de vista sobre a melhor forma de nascer, questionando tendências e mitos, é a tônica do módulo *Controvérsias* da exposição.

No módulo *Nascimento*, os visitantes passam por equipamento que replica o canal do parto, numa vivência sensorial que simula a experiência do nascimento. Também compõe a atividade a área de *Conversas*, espaço onde os visitantes podem compartilhar vivências. Exibição de filmes, depoimentos, jogos, palestras e debates estão entre as atividades realizadas neste módulo. Mais informações podem ser obtidas no site www.sentidosdonascer.org/.



Visitante “grávido” em ambiente da exposição

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

A 36ª edição do Prêmio José Reis de Divulgação Científica e tecnológica vai contemplar, neste ano, pesquisador ou escritor pela contribuição em divulgação na área de ciência, tecnologia e inovação. A iniciativa é do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Candidatos devem encaminhar até 15 trabalhos veiculados por jornais, revistas, livros, internet, televisão, rádio, eventos culturais e outros meios.

O premiado receberá diploma e R\$ 20 mil, mais passagem aérea e hospedagem, para participar da cerimônia de entrega do prêmio na 68ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que será realizada em julho na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). As inscrições devem ser encaminhadas, até 15 de abril, ao CNPq – Serviço de Prêmios (Quadra 1, Conjunto B, Bloco B, Edifício Santos Dumont, sala 101, Lago Sul, Brasília - DF, CEP 71.605-170). O vencedor será conhecido em 31 de maio.

COMBATE AO AEDES AEGYPTI

O Departamento de Gestão Ambiental (DGA) e o Instituto de Ciências Biológicas (ICB) estão ministrando treinamentos sobre o combate ao mosquito *Aedes aegypti* no campus Pampulha. Material impresso e kit para a identificação do mosquito são distribuídos aos funcionários da UFMG, para que atuem como multiplicadores das informações e ações.

Segundo o pró-reitor de Administração, Mário Montenegro Campos, o conteúdo é destinado principalmente aos funcionários que prestam serviços relacionados à infraestrutura. A agenda dos treinamentos, que começaram no dia 10 e ocorrem sempre das 14h às 15h30 em auditórios de unidades acadêmicas do campus Pampulha, é a seguinte: 15 de março (Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional), 29 de março (Escola de Engenharia), 30 de março (Escola de Belas Artes), 5 de abril (Faculdade de Educação) e 7 de abril (Faculdade de Ciências Econômicas).

QUANDO nasce uma CONSCIÊNCIA

Professora da Faculdade de Letras lança dicionário da imprensa feminina e feminista do Brasil do século 19

Ewerton Martins Ribeiro

Uma variedade de temas ocupava as páginas dos jornais brasileiros que tinham as mulheres como público preferencial no século 19 – desde causas mais politizadas, como o direito de frequentar escolas e espaços públicos, até questões tradicionalmente associadas ao universo feminino, como moda, filhos e culinária, reforçando o ideário machista de fragilidade, dependência e subordinação da mulher.

Essa diversidade está compilada no dicionário ilustrado *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX*, que será lançado nesta quinta-feira, 17, pela professora Constância Lima Duarte, da Faculdade de Letras da UFMG. Editado pela Autêntica, o livro, que mapeia 143 periódicos direcionados às mulheres, chama atenção por apresentar títulos que circularam tanto no centro quanto na periferia, no litoral e no interior, na metrópole ou nas afastadas províncias do território nacional. O volume é ilustrado por diversos *fac-símiles* de cabeçalhos, editoriais e trechos dos periódicos.

O livro resultou de pesquisas sobre a história das mulheres, a literatura de autoria feminina e o movimento feminista no Brasil, área em que Constância atua há mais de três décadas. “Nesses estudos, a pesquisa de periódicos naturalmente se impôs. Para compreender o percurso realizado pelas mulheres, era preciso abarcar a produção letrada feminina como um todo, que se manifestou não apenas no formato ficcional e poético, mas também em crônicas, ensaios, memórias e escritos militantes”, explica. “Mais do que os livros”, detalha a autora, “foram os jornais e as revistas os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina. Desde o início, eles se configuraram como espaços de aglutinação, divulgação e resistência”.

A pioneira

O início dessa empreitada remonta à década de 1980, quando Constância começou suas pesquisas sobre Nísia Floresta, escritora que traduziu obra feminista e começou a publicar em jornais ainda nos anos 30 do século 19 – por isso, foi considerada a primeira feminista brasileira. Em seu livro, a professora explica que, no Brasil, a literatura, a imprensa e a consciência feminista surgiram praticamente ao mesmo tempo, nas primeiras décadas do século 19.

“Quando as primeiras mulheres tiveram acesso ao letramento, elas imediatamente se apoderaram da leitura, o que, por sua vez, as levou à escrita e à crítica. Independentemente de serem poetisas, ficcionistas, jornalistas ou professoras, a leitura deu-lhes consciência do estatuto de exceção que ocupavam naquele universo de generalizado analfabetismo feminino”, diz. “Essa tomada de consciência propiciou o surgimento de escritos reflexivos e engajados, o que se percebe pelo tom reivindicatório, de denúncia, que muitos deles ainda hoje contêm.”



Constância analisa o valor de amostragem – ainda que não definitiva – da coleção. “O volume de informações contidas no livro pode surpreender, mas acredito que os 143 títulos reunidos ainda representem apenas a ponta de um iceberg: muitos outros devem ter existido e se perdido em razão do descaso com os escritos de mulheres”, lamenta, ao mesmo tempo que demarca a relevância dos verbetes aos quais teve acesso. “Redescobertos, esses periódicos devem propiciar novas reflexões acerca da tradição literária das mulheres, da profissionalização das primeiras jornalistas, do papel das revistas e dos jornais na ampliação do público leitor e na conscientização feminina, além de revelar as estratégias usadas por essas mulheres para driblar a censura e se expressar publicamente”, afirma Constância Lima Duarte.